

# UM ITINERÁRIO DE PESQUISA EM SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO: TEMAS E ORIENTAÇÕES DE TRABALHOS SOBRE ESCOLARIZAÇÃO NOS MEIOS POPULARES

A RESEARCH ITINERARY IN SOCIOLOGY OF EDUCATION: SUBJECTS AND RESEARCH MENTORING ABOUT SCHOOLING IN LOW INCOME CONTEXT

UN ITINERARIO DE INVESTIGACIÓN EN SOCIOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN: TEMAS Y OBRAS DE ORIENTACIÓN SOBRE LA ESCOLARIZACIÓN EN LOS MEDIOS POPULARES

**Nadir Zago\***  
nadirzago@uol.com.br

## REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

**Como referenciar este artigo:** ZAGO, N. Um itinerário de pesquisa em sociologia da educação: temas e orientações de trabalhos sobre escolarização nos meios populares. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 17, n. 36, p. 190-206, set./dez. 2015.

**RESUMO:** Neste dossiê da Revista Pedagógica, que contempla trajetórias acadêmica de docentes, experiências e produção do conhecimento na região sul, procurei situar como os temas e as orientações teórico-metodológicas das pesquisas definiram uma linha de investigação sociológica sobre “relações entre escolarização e grupos sociais”, tendo como pano de fundo a temática das desigualdades sociais e escolares, central na sociologia da educação, associada às relações escola-família, os processos e as trajetórias de escolarização em famílias de baixa renda e capital cultural, em contextos rurais e urbanos. O texto apresenta uma síntese das principais pesquisas realizadas e sua relação com as tendências da produção no campo da sociologia da educação.

**Palavras-chave:** Itinerário de pesquisa. Processos de escolarização. Sociologia da educação.

**ABSTRACT:** This dossier of the Magazine Revista Pedagógica which consists of academic teachers careers courses, experiences and knowledge production in the south region (of Brazil), I've aimed to expose how the subjects and theoretical-methodological mentoring of researches that I conducted were structured and defined a line of sociological investigation on «relations between schooling and social groups», having the theme of social and educational inequalities as a background, central in the sociology of education, associated with school-family

relations, the processes and schooling trajectories on low income and low cultural access families, in rural and urban contexts. The text presents a summary of the main researches and its relation to production trends in the sociology of education field.

**Keywords:** Research itinerary. Schooling processes. Sociology of education.

**RESUMEN:** En este dossier de la Revista Pedagógica que incluye las trayectorias académicas de los profesores, experiencias y la producción de conocimiento en la región sur, trató de colocar cómo los temas y las orientaciones teóricas y metodológicas de la investigación que realicé fueron articuladas y definirán una línea de investigación sociológica sobre “las relaciones entre la educación y los grupos sociales”, con el telón de fondo el tema de las desigualdades sociales y educativas, el centro de la sociología de la educación, asociado con las relaciones escuela-familia, los procesos y trayectorias de escolarización en familias de bajos recursos y de capitales culturales, en entornos rurales y urbanos. El texto presenta un resumen de las principales investigaciones realizadas y su relación con la evolución de la producción en el campo de la sociología de la educación.

**Palabras clave:** Itinerario de la investigación. Procesos de escolarización. Sociología de la educación.

\* Professora *Stricto Sensu* no Mestrado em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Doutorado na Universidade René Descartes – França, em Ciências da Educação.

## 1 INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO DE UM ITINERÁRIO

Participar da demanda deste dossiê da Revista Pedagógica representou um exercício pessoal de idas e vindas entre presente e passado para revisitar parte de meu processo de formação e de experiências em pesquisas ao longo de vários anos. Embora utilize a primeira pessoa do singular, minha trajetória certamente tem semelhanças com a de muitos docentes. Vivi aproximadamente 20 anos em uma cidade do interior do estado de Santa Catarina. Meus pais, filhos de pequenos agricultores, frequentaram apenas os primeiros anos do antigo primário e nos seus vinte anos migraram para a cidade em busca de trabalho. Meu pai exerceu ocupações sobretudo na construção civil e se tornou um reconhecido mestre de obras neste ramo. Minha mãe, como era quase norma na sua geração, foi “do lar”, categoria que esconde uma série de atividades que realizava, além do espaço da casa, para contribuir no orçamento doméstico. A seu modo meus pais transmitiram aos filhos o valor do trabalho, dos estudos e a necessidade da certificação escolar e nos delegaram responsabilidade e confiança para que cada um construísse seu caminho. Se tivemos (eu, meus irmãos e irmãs) um percurso de maior longevidade escolar do que eles, esse caminho não pode ser naturalizado. Empregando uma metáfora bourdieusiana, não fizemos parte dos “bem-nascidos” que se beneficiam de uma herança de recursos materiais e culturais e investimentos familiares cuja importância nos processos específicos de seleção/distinção escolar é de longa data conhecida.

Como grande parte dos jovens da minha geração e também nas que seguiram, fui uma estudante da rede pública do ensino fundamental ao médio e desde cedo conjuguei trabalho e estudo. Esse histórico não impediu que eu tivesse experiências positivas e ainda guarde boas lembranças do grupo escolar e de professores onde cursei a educação básica. No ensino médio, cursado no período noturno, frequentei o curso de formação de professores para o ensino primário (denominado curso normal). Sou uma professora universitária que iniciou a atividade docente na educação básica e faço parte de uma geração que contou com uma introdução tardia na pesquisa. Cursei Pedagogia e mestrado em educação em tempos da ditadura militar. Não vou entrar nesse período para lembrar os efeitos perversos que esse momento político de controle e de repressão representou para o país e a nós brasileiros. O curso de Pedagogia teve uma orientação normativa e tecnicista, reflexo da ideologia do período baseada nas relações entre educação, desenvolvimento e segurança. Por mais que me esforce para recuperar da minha memória esse período da graduação, não me lembro de ter assistido nas disciplinas de fundamentos da educação, ou em outras, aulas e discussões que possibilitassem uma leitura crítica da sociedade capitalista e a desnaturalização das desigualdades

sociais e educacionais. Lembro sim as disciplinas de didática e metodologia de ensino, com longas listas de definições de objetivos comportamentais.

A introdução na pesquisa acadêmica e o conhecimento de referências críticas em educação, datam da pós-graduação, com a dissertação de mestrado concluída no Brasil, em 1980, na Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro) e de um doutorado finalizado em 1989, na Universidade René Descartes – França, nos dois casos em educação.

O mestrado significou o ingresso em outra realidade acadêmica. Não cabe aqui citar todo rol de referências que fizeram parte da formação inicial na pós-graduação mas neste período, politicamente crítico no país, o livro de Paulo Freire *A pedagogia do oprimido* e outros do mesmo autor provocaram muitos questionamentos sobre educação e desigualdades na sociedade brasileira. Foi também durante o mestrado que tive contato com o livro *A reprodução*, de Bourdieu e Passeron, traduzido no Brasil em 1975. Este livro foi amplamente discutido nas aulas de sociologia da educação e teve um grande impacto pelo caráter desmistificador da escola e a denúncia do seu papel reprodutor e excludente. Essa tese rendeu também críticas, entre elas, a de que a escola cumpria unicamente a função de reprodução da estrutura social não possibilitando uma alternativa possível. Patrick Chanpagne, ao fazer a apresentação de Pierre Bourdieu em uma de suas conferências, se referiu aos mal-entendidos que este livro gerou, conforme citação: “[...] enquanto o livro, para o senhor, é muito mais – parece-me – pretexto para desenvolver um novo sistema conceitual, apoiado principalmente sobre uma noção que teria, ela própria, muito futuro: a noção de violência simbólica” (CHAMPAGNE, 2004, p. 11). Nos anos 1980, as discussões e críticas em torno do caráter reprodutor da estrutura social via sistema de ensino foram calorosas e desencadearam novos debates voltados para o papel transformador da educação e para construção da democracia, apesar das condições políticas e econômicas vigentes<sup>1</sup>.

Além das novas leituras, a formação no mestrado foi igualmente um momento importante na formação acadêmica pelos contatos sociais com colegas de várias regiões do país. Sua finalização, não sem tensões e inseguranças na elaboração do primeiro trabalho autoral (dissertação), gerou também possibilidades de redefinição profissional.

Minha formação universitária não foi guiada por um projeto planejado desde o início para seguir os trâmites da graduação, pós-graduação com mestrado, posteriormente doutorado, pós-doutorado e docência no ensino superior. Essas diferentes etapas da minha formação acadêmica não seguiram uma linha harmoniosa. Como presencio nas turmas dos novos ingressantes na pós-graduação, enfrentei também dificuldades e muitos impasses na pesquisa e na docência. Nestes dois universos, justamente porque são atividades de trabalho que geram constantes interrogações e desafios diante da complexidade do conhecimento,

<sup>1</sup> Para mais informações sobre o assunto ver Mello (1985) e Goergen (1986).

permanecemos sempre buscando respostas à compreensão dos fenômenos estudados, por isso mesmo continuamos, de certa forma, estudantes.

No ensino superior atuei inicialmente no campo da psicologia educacional, linha na qual estava inscrita no mestrado, mas eram as questões sociológicas que mais me moviam intelectualmente. Assim fui tomando outras direções com o doutorado em educação, na área de sociologia da educação, mudança que representou uma redefinição na minha trajetória acadêmica e de uma linha de pesquisa, com outras questões e referências teórico-metodológicas.

Neste conjunto de circunstâncias é preciso ainda acrescentar minha participação em encontros científicos para divulgação e discussão dos resultados de estudos com colegas da academia, sobretudo do grupo de sociologia da educação da ANPEd<sup>2</sup>, que coordenei durante dois anos (2000-2001), e nele tenho participação regular desde sua criação em 1990. Desde então tenho apresentado trabalhos em reuniões anuais e regionais da associação onde encontrei espaço para apresentar meus estudos e conhecer outros realizados em diferentes regiões do país. Encontrei com docentes universitários que fazem parte desse grupo desde sua criação e novos pesquisadores que a ele se filiaram e auxiliaram no fortalecimento e renovação deste grupo de trabalho. Ao socializar meus resultados de pesquisa fui encontrando pares de diferentes instituições do país e do exterior, que possibilitaram trocas acadêmicas com desdobramentos importantes à socialização da produção, como a organização coletiva de livros (citadas nas referências finais), organização de encontros científicos, entre outros.

A construção dos trabalhos acadêmicos sofreu assim um processo de amadurecimento, resultado de interferências individuais e coletivas, e é nesse contexto dinâmico que se pode entender o itinerário que descreverei a seguir. Mais do que a afirmação de um legado no campo, essa exposição pode, quem sabe, contribuir com um pouco da memória do fazer pesquisa sobre educação no Brasil.

## **2 CONTEXTOS SOCIAIS E PRINCIPAIS DIRECIONAMENTOS NO CAMPO DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

Não será possível narrar no espaço deste artigo meu itinerário profissional no campo da educação e o que cada projeto de pesquisa significou em termos de descobertas, impasses entre outros sentimentos e práticas com os quais o pesquisador se vê confrontado (para mencionar alguns: a entrada no local de estudo, a coleta de dados, preocupações com os possíveis vieses na condução da pesquisa e na interpretação dos seus resultados). Para este texto revisei um certo número de meus escritos, pontuei alguns dados (pessoais, institucionais, temas e orientações de pesquisa, entre outros) mas, como é comum nesses casos, fica a pergunta: que aspectos privilegiar nesse itinerário? Considerando os

<sup>2</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação.

objetivos do presente dossiê, vou me ater em alguns aspectos destacados na sua proposta que consistem na “formação acadêmica e trajetória contextualizada das escolhas epistemológicas no contexto da produção do conhecimento”. Mais precisamente vou procurar narrar como os temas e as orientações de meus trabalhos foram sendo articulados, definindo uma linha de investigação sociológica sobre “as relações entre escolarização e grupos sociais”, envolvendo, sobretudo, uma temática central nesse campo que é das desigualdades sociais e escolares. Fazem parte ainda deste grande eixo temas como das relações escola-família, dos processos e das trajetórias de escolarização nos meios populares, em contextos rurais e urbanos. Em meus estudos e também nas orientações dos trabalhos na pós-graduação venho procurando avançar na compreensão das lógicas das carreiras escolares e, nestas, as dissonâncias entre as diferentes formas de capital familiar (social, econômico, cultural e simbólico), mas também situações de êxito e permanência no sistema de ensino e suas contradições.

Em cada novo projeto de pesquisa fui desafiada com questões que a realidade social provocava, algumas já bastante estudadas (como os fenômenos de reprovação e/ou evasão escolar ou, ainda, a relação estudo-trabalho e suas implicações na escolaridade) e outras que em épocas mais recentes têm despertado o interesse dos sociólogos da educação (entre elas, a mobilização escolar, tanto dos pais quanto do estudante ou, ainda, o êxito nos estudos dos filhos de famílias de baixa renda e capital cultural).

Assim, o rumo norteador dos trabalhos teve uma relação muito estreita com as descobertas proporcionadas pela própria realidade pesquisada em diferentes contextos e atores sociais (pequenos agricultores, famílias da periferia urbana, estudantes de diferentes níveis de ensino e jovens que interromperam os seus estudos) paralelamente às questões teórico-metodológicas, apoiadas em abordagens da sociologia da educação, que problematizavam tanto as metodologias empregadas na busca de informações quanto as categorias de análise dos resultados. Retomando a breve descrição pessoal no inicial do texto, cabe a observação de que não fazemos escolhas ao acaso!

### **3 DO RURAL AO URBANO: PRINCIPAIS DIRECIONAMENTOS DE PESQUISA**

Para melhor situar as convergências temáticas em uma linha mais geral de investigação faço um breve histórico e indico principais questões e direcionamentos teórico-metodológicos que foram sendo construídos ao longo dos anos. Parto da compreensão que todo processo de pesquisa representa um trabalho de constante construção, desde a elaboração da proposta em estudo com a definição de seu problema, coleta de informações, seguido da interpretação e redação dos resultados, sem desconsiderar o aprendizado com a prática de fazer pesquisa. Portanto, de um processo

que vai muito além das prescrições dos livros de metodologia da pesquisa e da simples aplicação de técnicas de coleta de dados. A definição de um problema de pesquisa parte sim de um projeto, mas este vai ganhando consistência e complexidade à medida que nos envolvemos com a investigação (seja ela bibliográfica ou de outra natureza) e suas necessidades. Dessa forma vamos ganhando autonomia neste fazer sociológico e encontrando formas para lidar com os imprevistos. Como lembra Oliveira (1998, p. 21) existem muitas “situações inusitadas” que “esperam pelo pesquisador no decorrer dos vários momentos de seu trabalho e, como se deduz, elas não estão, e nem sequer poderiam estar, previamente decodificadas em manual algum”.

Um fio norteador dos meus estudos foi a realização de pesquisas que seguem uma abordagem predominantemente qualitativa, embora sempre associadas a dados quantitativos<sup>3</sup> e questões mais amplas da sociedade. Para encontrar respostas às questões de pesquisa, tenho um interesse particular pelo trabalho de campo diretamente com pessoas para conhecer mais de perto suas condições concretas de vida, ouvi-las falar de seu universo, de suas lutas, desesperanças e esperanças em relação à educação dos filhos. Seus relatos (tanto de pais quanto dos estudantes) revelam experiências de escolarização, testemunham obstáculos materiais e morais que pesam sobre o percurso escolar e que ficam ocultados nas informações unicamente quantitativas das estatísticas educacionais. As estatísticas são produções importantes para mostrar tendências sobre vários domínios da vida social, mas os estudos diretamente com os sujeitos permite conhecer realidades que os instrumentos padronizados, como o questionário, não traduzem. Mas como é do conhecimento de todos, as escolhas teórico-metodológicas ganham sentido quando relacionadas com os objetivos e as questões da pesquisa.

Aprendi muito sobre o ofício da pesquisa com meus entrevistados. Entre os aprendizados destaco dois que considero fundamentais: o de desenvolver um olhar atento, da mesma forma que uma escuta ativa, para apreender a realidade no movimento da dinâmica social, desmistificando prenoções. O outro consiste no exercício intelectual de captar o local (particular) no global cuja importância, em se tratando de estudos microssociais, já foi destacada por vários autores.

Tenho assim me apoiado em mais de um instrumento de coleta de dados (principalmente questionário, entrevista e observação), mas a entrevista, não entendida como simples técnica (ZAGO, 2011), tem ocupado um lugar central nas minhas pesquisas que visam procurar respostas, em maior profundidade, sobre os processos de escolarização, ultrapassando o chamado fracasso escolar. Esse foi um procedimento constante nos estudos que realizei, tanto com pais de alunos quanto com os estudantes.

Neste artigo não vou me ater em cada projeto particular de pesquisa, mas em três frentes que, no seu conjunto,

<sup>3</sup> Sobre a inseparabilidade entre dados qualitativos e quantitativos na pesquisa, ver Gatti (2004), entre um grande número de outros autores.

definiram um eixo de investigação voltado às desigualdades educacionais, processos de escolarização e práticas dos sujeitos sociais (pais e estudantes). A primeira com famílias camponesas, seguida de outra em um bairro popular urbano e, por fim, os estudos atuais com universitários egressos do ensino básico da rede pública.

As três frentes citadas estão, direta ou indiretamente, associadas às relações escola-família. O estudo destas estiveram no centro do debate sobre as desigualdades de acesso à educação segundo os grupos sociais. Nos anos 1970, as teorias da reprodução ocupavam um lugar de hegemonia no meio acadêmico e forneceram contribuições importantes para a compreensão e desnaturalização das desigualdades sociais e da sociedade, mas deixavam lacunas, entre elas, o pouco interesse sobre o que se passa na família, suas atividades não eram observadas, mas deduzidas da condição de classe. Nas últimas décadas, sobretudo a partir de 1980, os estudos sobre família e instituição escolar contribuíram para garantir um lugar privilegiado deste tema na pesquisa educacional. No Brasil, durante a década de 1980 e ainda nos anos 1990, os estudos destas relações contavam com uma produção limitada e pouco sistematizada, conforme procuramos mostrar em publicações sobre o assunto<sup>4</sup>.

Contribuições advindas do campo nas ciências sociais<sup>5</sup> indicavam uma renovação no plano teórico e metodológico, de temas e questões de pesquisas. Houve uma revalorização das pesquisas de campo e o desenvolvimento de estudos microssociais voltados, entre outros, às situações concretas no âmbito da sala de aula, da escola, das famílias<sup>6</sup>. Entre os avanços neste campo, estão o reconhecimento das transformações nas demandas educacionais e uma atenção sobre as diferenças nos resultados e nas práticas escolares no interior dos grupos sociais com características bastante próximas. Desde meados dos anos 1980, alunos, professores, pais, tornaram-se informantes privilegiados na pesquisa em educação.

Durante o doutorado tive a oportunidade de conhecer trabalhos no campo da sociologia da educação francesa<sup>7</sup> que constituíram um ponto de apoio e interlocução entre a pesquisa que realizava com outros estudos voltados para essas relações. Na parte que segue indico algumas referências para exemplificar os principais direcionamentos das pesquisas.

#### 4 ESCOLARIZAÇÃO E PERCURSOS NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Início com a tese de doutorado que tratou das relações entre trabalho, escolaridade e destino profissional dos filhos de agricultores inseridos no sistema de produção familiar (ZAGO, 1989). Nesse estudo, que tinha como eixo importante a participação dos filhos no trabalho agrícola e doméstico, foi fundamental estudar a família para compreender seu modo de organização econômica e o trabalho

<sup>4</sup> Nogueira, M. A.; Romanelli, G. e Zago, N., 2011.

<sup>5</sup> Ver por exemplo: FORQUIN J-C. (Org.). *Sociologia da Educação: dez anos de pesquisa*.

<sup>6</sup> Entre as referências, cito o número especial da revista *Lien Social et Politiques*, sobre o tema "Famille et école" e ainda Duru-Bellat, M. e Van Zanten, A. *Sociologie de l'école* (1999).

<sup>7</sup> Entre outros, um conjunto de artigos publicados na *Revue Française de Pédagogie* e no livro *Sociologia da educação: dez anos de pesquisas (sociologie de L'éducation: dix ans de recherches)*. Paris:INRP-L'Harmattan, 1990.

familiar, o sentido da educação formal, as estratégias de escolarização e perspectivas profissionais para os filhos.

Estudos no campo da sociologia rural constituíram aportes importantes para situar estas questões no contexto da produção de tipo familiar e suas transformações decorrentes das políticas de modernização capitalista da agricultura e seus impactos na intensificação do movimento migratório do campo para a cidade, questões que não poderiam ser ignoradas numa pesquisa sobre escolarização e perspectivas para os filhos de pequenos produtores rurais. Foi necessário igualmente considerar as políticas de educação voltadas às populações do campo.

A pesquisa de campo contou com 72 famílias de pequenos agricultores e, em razão deste número considerável de unidades rurais, me deparei com uma grande diversidade de situações sociais. Os estudos de Zeroulou (1988) sobre sucesso escolar de filhos de famílias argelinas que migraram para a França contribuíram para problematizar meus dados de pesquisa. Diferenças à parte sobre os contextos onde as pesquisas foram realizadas, na época me chamou a atenção a metodologia adotada na análise dos dados para destacar diferenças internas na população estudada. A aproximação com essa produção foi importante uma vez que os resultados da minha pesquisa indicavam que os dados não poderiam ser tratados em blocos monolíticos e que condições como aquelas, relacionadas à importância econômica da produção agrícola (relacionada ao tamanho da terra, nível técnico e tipo de produção) e à organização familiar (como o número, o sexo e a idade de seus membros) e, num outro plano, às condições de ensino nas áreas rurais, deveriam ser consideradas numa relação de interdependência para compreender essas diferentes orientações. Juntamente com os recursos econômicos e culturais da família, ficava evidente a importância que poderiam exercer, além das estratégias familiares, a posição do filho(a) na fratria, as ações de alguns irmãos (materiais e de identificação) na escolarização, sobretudo dos menores e, ainda, a crença no futuro da profissão em face do contexto da crise da pequena produção agrícola familiar.

O conjunto das entrevistas revelava conteúdos muito próximos, por exemplo, quando os pais expressavam o desejo de um futuro diferente para os filhos, via escolarização, mas também variações nos percursos de escolarização e nas perspectivas de trabalho. Procurei assim identificar regularidades e singularidades em relação à escola, as orientações escolares e socioprofissionais dos filhos, que se polarizaram em torno de três grupos: 1) resistência à exclusão escolar: a busca de um nível de formação permitindo uma reconversão profissional; 2) a reprodução da condição de agricultor; 3) mobilidade geográfica forçada em direção à proletarização. Embora toda estratificação comporte sempre lacunas, pois não dá conta de todos elementos estruturais e singulares que intervêm nas questões estudadas, ela permitiu compreender a organização de



algumas lógicas que estruturam os fenômenos estudados e evidenciar uma realidade que contém diversidades de processos observáveis tanto nas formas de investimentos para manutenção da pequena produção quanto nas orientações do futuro dos filhos.

A tese de doutorado, por compreender um período significativo de tempo (quatro anos) em um trabalho de investigação, contribuiu consideravelmente na definição de meus estudos posteriores nos meios populares. Nesta encontrei um caminho que articulava dimensão escolar e não escolar presentes nos processos de escolarização dos filhos de famílias com baixos recursos econômicos e culturais. Após o doutorado direcionei minhas pesquisas para a periferia urbana, incluindo famílias e posteriormente jovens universitários. Os projetos foram financiados pelo CNPq e contaram com a participação de estudantes com bolsas de iniciação científica, servindo assim de campo de formação para jovens pesquisadores.

## **5 ESCOLA E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO EM UM BAIRRO DA PERIFERIA URBANA**

Perseguindo uma metodologia qualitativa, tanto na tese de doutorado quanto nas pesquisas que se sucederam no meio urbano, a preocupação de não estudar os grupos sociais como um bloco indiferenciado, como também de não interpretar a realidade social mediante uma correlação mecânica de causa e efeito e os sujeitos (pais e alunos) como meros reprodutores da ordem hegemônica, definiu uma posição claramente marcada. Assim como nas famílias de produtores rurais, os dados de campo mostravam dinâmicas internas nos meios populares, cujos extremos ficavam situados, de um lado, entre uma escolaridade e um horizonte de curta duração, isto é, inferior à obrigatoriedade escolar, e, de outro, onde era possível reconhecer de forma mais clara o significado da escola e as estratégias familiares de escolarização.

Estas questões ganharam evidências em um estudo dos processos escolares dos filhos de um grupo de famílias em um bairro da periferia urbana de Florianópolis (SC), cidade onde ocorreu, como em outras capitais brasileiras, um movimento migratório acelerado de populações de outras regiões do estado, acompanhado de ocupações desordenadas e favelização. A seleção do local de pesquisa recaiu em um bairro popular que sofreu mudanças demográficas e sociais consideráveis. Neste local, estudei as formas de interdependências entre as transformações demográficas e sociais processadas no bairro e na escola, as práticas de discriminação e segregação social e escolar (ZAGO, 1997). No entanto, o principal estudo desenvolvido neste local foi ter acompanhado, durante um intervalo de sete anos (1991-1998), os percursos escolares dos filhos de 16 famílias (ZAGO, 2011). A metodologia adotada resultou em vários encontros com os sujeitos estudados, nas residências deste

grupo de famílias. Esta escolha para realização das entrevistas teve, entre seus objetivos, diminuir possíveis interferências na produção do discurso, facilitar a comunicação e, igualmente, a observação de situações sociais, econômicas e culturais das famílias, ampliando o olhar sociológico para as mediações entre as condições materiais e simbólicas, as práticas e o significado que a escola assume na vida dos jovens.

Dados coletados em 1991 foram atualizados e completados em duas ocasiões posteriores (1993/1994 e em 1997/1998). A análise das informações recaiu sobre um material cumulativo, tendo permitido, nos momentos assinalados, a atualização das informações socioeconômicas da família e da escolaridade dos filhos. Diferenças quanto à composição do grupo familiar, tipo de habitação, ocupação, escolaridade e renda dos pais, entre outros indicadores sociais, conferiram heterogeneidade social no grupo. A pesquisa contou com um questionário para traçar essas características objetivas e entrevistas com os pais e os filhos. O propósito não foi o desenvolver uma leitura sociológica que desse conta das causas do “fracasso” ou do “sucesso escolar”, mas sim, mediante uma preocupação voltada para os processos, verificar como se configurava o percurso escolar dos filhos, ao longo de alguns anos. Guiaram as entrevistas questões sobre reprovação e interrupção dos estudos no ensino fundamental e médio, recorrentes no bairro, assim como a relação dos filhos (estudantes e não estudantes) com o trabalho e outras condições materiais e subjetivas presentes na relação com os estudos e na permanência ou não na escola.

Com os dados obtidos procurei desenvolver uma análise dos percursos escolares na sua interação com as disposições sociais, simbólicas e das práticas definidas pelos atores sociais, isto é, de uma configuração de fatores em interdependência (ELIAS, 1981; LAHIRE, 1997). Os registros da situação escolar durante um período mais longo de tempo confirmaram as altas taxas de reprovação e interrupção escolar precoce, a discrepância idade-série nesses grupos sociais, mas também a existência de trajetórias de êxito, de uma forte demanda e investimento das famílias e dos filhos para prolongar a escolarização. Ficaram ainda evidentes os limites quando tomamos os dados escolares de apenas um dos filhos e, com base neste, tiramos conclusões sobre a situação escolar de um grupo social.

Como já observei em outros trabalhos, a família tem uma presença que resulta em aportes muitas vezes sutis, nem sempre conscientes e intencionalmente dirigidos à vida escolar dos filhos. No entanto, apesar da importância que ela pode desempenhar na carreira escolar, ela não garante, necessariamente, a permanência dos filhos na escola. Os estudos citados e outros posteriores com os jovens universitários indicam a necessidade de considerar também o estudante como parte ativa do seu próprio percurso, a faixa etária em que ele se encontra e a influência das relações que estabelece, além do ambiente doméstico, com outras

instâncias de socialização, seja no bairro ou no ambiente de trabalho, entre outros espaços de interações sociais.

Embora o estudo com as famílias permaneça, em meus trabalhos, como um eixo importante à compreensão das desigualdades educacionais e também das práticas familiares de escolarização, as pesquisas que se seguiram com universitários representam um prolongamento dos trabalhos anteriores nos meios populares, urbanos e rurais.

## 6 PESQUISAS COM ESTUDANTES DO ENSINO ENSINO SUPERIOR

Assim como em relação às famílias, nas décadas de 1960-1970 os estudantes estiveram no centro das pesquisas macrosociológicas voltadas às desigualdades escolares, mas tinha-se pouco conhecimento sobre esse grupo social, uma vez que o foco da atenção se voltava para a condição de classe e sua relação com o desempenho escolar. Nas últimas décadas, renovações tanto nas temáticas quanto nas questões teórico-metodológicas sobre a problemática das desigualdades de escolarização, contribuíram para que os estudantes ocupassem um outro lugar nos estudos sociológicos em educação e as pesquisas se encaminhassem para abordagens menos escolarizadoras. Várias questões até então pouco investigadas ganharam maior visibilidade, como suas trajetórias e estratégias de investimento escolar e profissional, mas, também, suas experiências sociais e de vida.

Como já observou Queiroz (1995, p. 81), de acordo com uma sociologia centrada unicamente nas questões das desigualdades, o aluno ficava reduzido a um conjunto de variáveis, como sua origem social e resultados escolares, não dando conta da atividade real que esses atores sociais desenvolvem, dentro e fora dos estabelecimentos de ensino.

Em relação ao meu processo de pesquisa, as questões provocadas em cada projeto foram também tributárias da renovação no próprio campo sociológico que vinha sinalizando uma produção importante no exterior, com desdobramentos no Brasil, sobre as consonâncias e não apenas dissonâncias dos meios populares com a escola e sobre o acesso de jovens de meios populares no ensino superior<sup>8</sup>.

Para compreender as trajetórias entre acesso e permanência no ensino superior em realidades cujos indicadores sociais e econômicos são desfavoráveis à continuidade dos estudos, realizei pesquisas e orientei outras na pós-graduação. São estudos que fazem parte de um campo de investigação que vem ganhando expressão na sociologia da educação brasileira especialmente com as políticas de ampliação do acesso a grupos sociais que historicamente ficaram à margem do ensino superior, com frequência designados de “novos públicos” no ensino superior. As políticas de expansão e permanência no ensino superior, especialmente após 2003, foram acompanhadas de uma diversificação na composição social dos universitários que se tornou mais heterogênea e menos hierárquica (SAMPAIO,

<sup>8</sup> São alguns exemplos dessa contribuição na Sociologia da Educação os estudos de Richard Hoggart (1970 e 1991), Lahire (1997), Charlot, Bautier e Rochex (1992), Henriot Van-Zanten (1996), Laurens (1992), Zeroulou (1988), além de vários pesquisadores que desenvolveram estudos no Brasil, como Portes (1993) e M. J. Braga (1998), Silva (1999), entre outros que poderiam ser citados com produção mais recente.

2000; RISTOFF, 2014), embora as mudanças seguem a passos lentos.

Em meus estudos com universitários (pesquisas realizadas em 2001-2003 e 2011-2012) defini como eixo central a condição do estudante, egresso do ensino básico da rede pública, originário de famílias com reduzidos recursos econômicos e culturais. Partindo desses critérios, um dos objetivos foi analisar as contradições entre uma realidade de maior demanda pela ampliação do nível escolar e as condições de permanência ou de “sobrevivência” no interior do sistema de ensino para jovens oriundos de famílias populares. A análise contempla as novas desigualdades educacionais, limites e contradições presentes nas políticas de democratização quantitativa do ensino e condições estruturais que reforçam a permanência histórica das velhas desigualdades.

Nessa direção, os estudos de Pierre Bourdieu e colaboradores constituem um legado importante às minhas reflexões sobre as diferentes formas de desigualdades sociais. Entre as referências, a tese dos excluídos do interior (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2001) e outras do livro *A miséria do mundo* (BOURDIEU, 2001). Reforçam essa análise sobre a inclusão precária e as novas desigualdades: Martins (1997); Castel (2008); Dubet (2000); Baudelot (2004). Os efeitos objetivos e subjetivos da condição de permanência no ensino superior merecem uma atenção particular para que se possa observar, através de uma análise centralizada nos processos mais finos de seletividade social e escolar, a manutenção e o reforçamento de micro-desigualdades (DUBET, 2000).

Os resultados foram obtidos através de uma pesquisa que se apoiou em dados quantitativos fornecidos pelo vestibular da UFSC<sup>9</sup> do ano 2001, e entrevistas em profundidade com 27 universitários de diferentes áreas de conhecimento (Ciências da Saúde, Ciências Jurídicas, Ciências Humanas e Sociais, Socioeconômico e Tecnológico) para diversificar as realidades também a partir da variável curso (ZAGO, 2006). Outros resultados fazem parte de um estudo com 12 universitários (a maioria beneficiária de bolsa parcial de estudos), de ambos os sexos, procedentes do meio rural do oeste do estado de Santa Catarina, inscritos em diferentes cursos de graduação de uma instituição de caráter comunitário e ensino não gratuito (ZAGO, 2013 e 2016). O estudo específico deste segundo grupo permitiu mostrar dois fenômenos relacionados à demanda pelo ensino superior: o crescimento da migração rural-urbana e a crise da sucessão da pequena propriedade rural.

As pesquisas com os estudantes forneceram um material bastante elucidativo sobre a avaliação que eles fazem sobre sua condição social e de permanência no curso universitário, assim como os efeitos da educação básica no prosseguimento dos seus estudos, especialmente relacionados aos problemas da qualidade a que tiveram acesso. A pesquisa evidenciou também o sentido do investimento

<sup>9</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

10 Entre outros autores, Algebaile (2009); Castro (2009); Oliveira (2007); Peregrino (2012).

nos estudos e as estratégias familiares e pessoais, assim como os impasses, materiais e simbólicos, daqueles que procuram permanecer no sistema de ensino apesar das condições adversas. Os “novos públicos” do ensino superior encontraram condições para ampliar o tempo de permanência na escola muito além dos seus pais, mas os “herdeiros” das políticas de acesso enfrentam os efeitos de uma expansão acompanhada da queda da qualidade do ensino fundamental e médio, como mostram várias publicações sobre o assunto<sup>10</sup>. Em síntese, os problemas que envolvem a seletividade no acesso ao ensino superior e as desigualdades de permanência não são problemas propriamente do mundo universitário, mas de processos excludentes produzidos por uma sociedade historicamente hierárquica e profundamente desigual.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que foi sistematizado neste artigo evidentemente não deu conta de todo o processo de construção e das referências bibliográficas que estiveram presentes em minhas reflexões, escolhas temáticas e teórico-metodológicas. Como observei inicialmente, mais do que um legado procurei mostrar o caminho que percorri e o processo de construção de uma linha de estudos sobre desigualdades educacionais e processos de escolarização. Nesse caminho interagiram diferentes autores, como também meus interlocutores com seus depoimentos obtidos em pesquisas de campo e experiências pessoais relacionadas à minha origem social e não unicamente. Interagir com essas experiências neste fazer sociológico da produção do conhecimento tem vantagens e riscos. Entre as vantagens creio estar a possibilidade de um olhar mais aguçado da realidade pesquisada a partir “de dentro” favorecendo, em tese, a compreensão do lugar social do pesquisado e do sentido de suas falas. Os riscos estão associados ao distanciamento e estranhamento necessários ao rigor científico, evitando prenoções. Retomo Paugam (2015, p. 20) porque entendo que nesta citação ele faz uma síntese importante: “a questão que se impõe não é a de saber se é desejável ou não que o sociólogo mantenha uma afinidade com seu tema de pesquisa, mas a de saber enfrentar os inconvenientes da análise feita de “dentro” e da análise feita de “fora” (PAUGAM, 2015, p. 20). Em outras palavras, se a escolha do pesquisador sobre o seu objeto de estudo não é neutra, ele não deve abandonar o esforço de distanciamento (em relação a si mesmo e ao objeto pesquisado) e de objetivação (embora a objetividade é ela mesma sempre relativa). Esse é um grande desafio! O esforço de um trabalho para evitar os efeitos sobre os resultados da pesquisa é extensivo a qualquer situação que envolve uma relação social do pesquisador

com a realidade pesquisada, seja por sua familiaridade seja pela dissimetria social com os informantes. Finalizo, assim, com a pertinente citação retirada do texto “Compreender” em *Miséria do mundo*:

O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem saber e aquela que, sabendo, se esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente. (BOURDIEU, 2001, p. 694).

## REFERÊNCIAS

ALGEBAILLE, E. **Escola pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos**. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, P. (Org.). In: BOURDIEU, P. (Org.). **A miséria do mundo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. Compreender. In: BOURDIEU, P. (Org.). **A miséria do mundo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAUDELOT, C. As qualificações aumentam, mas a desigualdade torna-se ainda maior. **Pro-Posições**, São Paulo, n. 15, p. 15-37, 2004.

CASTEL, R. **A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?** Petrópolis: Vozes, 2008.

CASTRO, J. A. Evolução e desigualdade na educação brasileira. **Educação e Sociedade**, São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, v. 30, n. 108, p. 673-697, out. 2009,

CHAMPAGNE, P. Prefácio. In: BOURDIEU, P. **Usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.

CHARLOT, B.; BAUTIER, E.; ROCHEX, J. Y. **Ecole et savoir dans les banlieues... et ailleurs**. Paris: Armand Colin, 1992.

DUBET, F. **Les inégalités multipliées**. Paris: Ed. De l'Aube, 2000.

DURU-BELLAT, M.; VAN ZANTEN, A. **Sociologie de l'école**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 1999.

ELIAS, N. **Qu'est-ce que la sociologie?** Paris: Ed. De l'Aube, 1991.

FORQUIN, J.C. (Org.). **Sociologia da Educação:** dez anos de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOERGEN, P. **A pesquisa educacional no Brasil:** dificuldades, avanços e perspectivas. Em Aberto, Brasília, n. 31, jul./set.1986, p. 1-18.

GATTI, B. A. Estudos quantitativos em educação. **Pesquisa e Educação**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

HENRIOT-VAN ZANTEN, A. Les familles face à l'école. Rapports institutionnels et relations sociales. In: DURNING, P. (Org.). **Education Familiale:** un panorama des recherches internationales. Paris: MIRE/Matrice, 1988.

\_\_\_\_\_. Stratégies utilitaristes et stratégies identitaires des parents vis-à-vis de l'école: une relecture critique des analyses sociologiques. **Lien Social et Politiques – RIAC**, Montreal, n. 35, p. 125-135, 1996.

HOGGART, R. 33 Newport Street. **Autobiographie d'un intellectuel issu des classes populaires anglaises.** Paris: Gallimard/Le Seuil, 1991.

HOGGART, R. **La culture du pauvre.** Paris: Ed. de Minuit, 1970.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAURENS, J.P. **1 sur 500:** la réussite scolaire en milieu populaire. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.

MELLO, G. N. Pesquisa educacional, políticas governamentais e o ensino de 1.º grau. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo v. 53, p. 25-31, maio 1985.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). **Família e escola.** Trajetórias de escolarização em camadas populares e médias. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, P. de S. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. In: OLIVEIRA, P. de S. (Org.). **Metodologias das Ciências Humanas.** São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

OLIVEIRA, R. P. Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. **Educação e Sociedade**, São Paulo, Cortez; Campinas, CEDES, v. 28, n. 100, p. 661-690, out. 2007.

PAIXÃO, L.; ZAGO, N. **Sociologia da Educação**: pesquisa e realidade brasileira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PAUGAM, S. (Org). Afastar-se das prenoções. In: **A Pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PEREGRINO, M. Novas desigualdades criadas pela expansão escolar na década de 1990. Efeitos sobre a instituição. In: DAYREL, J.; NOGUEIRA, M. A.; RESENDE, J. M.; VIEIRA, M. M. (Orgs.). **Família, escola e juventude**: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. p. 323-342.

PORTES, E. A. **Estratégias escolares do universitário das camadas populares**: a insurdiração aos determinantes. BELO Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 1993. Tese de doutorado.

QUEIROZ, J.M. de. **L'école et ses sociologies**. Paris: Nathan, 1995.

RISTOFF, D. O Novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, Campinas: Sorocaba, SP, nov. 2014.

ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. Família & Escola: novas perspectivas de análise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SAMPAIO, Helena. **Ensino superior no Brasil**: o setor privado. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2000.

SILVA, Jailson de S. **Por que uns e não outros? Caminhada de estudantes da Maré para a universidade**. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação/PUC, Rio de Janeiro, 1999.

VIANA, Maria J. B. **Longevidade escolar em camadas populares**: algumas condições de possibilidade. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação/UFMG, Belo Horizonte, 1998.

ZAGO, N. **Travail des enfants et scolarisation dans le milieu paysan**: une étude auprès des familles d'exploitants agricoles dans l'Etat de Santa Catarina (Brésil). Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Université René Descartes, Paris V, França, 1989.

\_\_\_\_\_. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas populares e médias. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; TEIXEIRA, R. A. (Orgs).



2. ed. **Itinerários de pesquisa**: abordagens qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. Agricultura familiar e destinos sociais dos jovens: entre a permanência na agricultura e a busca de novos horizontes via escolarização. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. **Família & Escola** : novas perspectivas de análise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Sélection scolaire et accès à l'enseignement secondaire et supérieur: une analyse des trajectoires de scolarisation des couches populaires. In: VASCONCELLOS, M.; VIDAL, D. (Sous la direction). **L'enseignement supérieur au Brésil**: enjeux et débats. Paris: cofecub/iheal, 2002.

\_\_\_\_\_. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista Brasileira de Educação (RBE)**, n. 64, jan./mar. 2016 (no prelo).

\_\_\_\_\_. Transformações urbanas e dinâmicas escolares: uma relação de interdependência num bairro da periferia urbana **Revista de Educação, Sociedade & Culturas**, Portugal, n. 7, p. 29-54, 1997.

\_\_\_\_\_. Étudiants de couches populaires et conditions d'accès à l'université. Entre opportunités et limitations. In: **Cahiers de la Recherche sur l'éducation et les saviors**, n. 8, 2009, p.213-227. Número especial sobre Famille et impératif scolaire, coordonné par Marie-France Lange et Marc Pilon. Université de Caen. ISSN 1635-3544.

\_\_\_\_\_. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, 2006, p. 226-237.

\_\_\_\_\_. Um filme pela metade: conteúdos escolares e marcas das desigualdades. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. 9, n. 2, 2014, p. 452-471.

ZÉROULOU, Z. La réussite scolaire des enfants d'immigrés- L'apport d'une approche em termes des mobilisation. **Revue Française de Sociologie**, Paris, n. 29, p. 447-470, 1988.